

As influências teóricas do Platonismo sobre a Psicanálise

Sarah Sumiê Rocha Mandai*

Resumo: Este artigo traça uma analogia entre a alma tripartite da teoria platônica e as três instâncias do aparelho psíquico freudiano. Compara também as proximidades entre o *eros* e a libido, ressaltando, assim, as influências do pensamento de Platão sobre a teoria de Freud. Embora Freud tenha citado as obras de Platão e seja possível detectar a semelhança entre as duas teorias da personalidade, o primeiro restringe a sua teoria ao âmbito das ciências naturais, enquanto o segundo a situa em altíssimos cumes metafísicos.

Palavras-chave: Platão; Freud; Alma; Aparelho Psíquico; Eros, Libido.

Theoretical influences of Platonism on the psychoanalysis

Abstract: This article draws an analogy between the tripartite soul of Platonic theory and the three instances of the Freudian psychic apparatus. He also compares the proximity between *eros* and libido, thus highlighting the influences of Plato's thinking on Freud's theory. Although Freud has quoted Plato's works and its possible detect the similarity between the two theories of personality, the first restricts it to the scope of the natural sciences, while the second places it in very high metaphysical summits.

Key-words: Plato; Freud; Soul; Psychic Apparatus; Eros; Libido.

Introdução

Efetivamente, a filosofia platônica estaqueia uma divisa na história do pensamento humano, tamanha sua profundidade e importância. Ainda que ela herde do pensamento pré-socrático (séc.VII ao IV a.C.) uma noção extremamente rica de *psykhé*, Platão a trabalha extensivamente. Esse termo tem, portanto, profundas raízes que ao longo da história, floresceram em diferentes vertentes filosóficas, alcançando também a Psicologia moderna. Os pressupostos teóricos da *psykhé* e da erótica platônica

* Graduada em Psicologia, pelo Centro Universitário do Triângulo (UNITRI). Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Email: sarahsumie@hotmail.com

produziram ecos, especialmente, na formulação do aparelho psíquico e da libido psicanalítica.

Isso se torna contundente, quando se traça uma analogia entre a alma tripartite da teoria platônica e as três instâncias do aparelho psíquico freudiano. Ainda, quando se compara as proximidades entre o *eros* e a libido, ressaltam-se, também, as influências do pensamento de Platão sobre a teoria de Freud. Porém, há que se atentar em não se cometer anacronismos e evitar as possibilidades de deformações hermenêuticas. Pois, embora Freud tenha citado as obras de Platão e seja possível detectar semelhanças entre as duas teorias da personalidade, o primeiro restringe sua teoria ao âmbito das ciências naturais, enquanto o segundo a situa em elevados escopos metafísicos.

Desenvolvimento

Na opinião de Reale (2002, p. 229), são poucos os estudiosos que conseguiram uma correta observação da relação entre a Psicanálise e o Platonismo. Dentre esses poucos, ele cita Werner Jaeger, que considera essa relação tão estreita, a ponto de dizer que Platão seria o pai da Psicanálise. Usando os termos empregados na teoria freudiana, ele descreve o pioneirismo de Platão em ideias análogas.

Platão é o pai da Psicanálise. É ele o primeiro que desmascara a monstruosidade do complexo de Édipo, a volúpia de se unir sexualmente à própria mãe, como sendo parte do *eu* inconsciente, que ele traz para a luz por meio da investigação das experiências dos sonhos; e apresenta ainda toda uma série de recalçados complexos de desejos análogos a este, que vão até o comércio sexual com os deuses, a sodomia e o simples desejo de matar (JAEGER, 1989, p. 655).

Jaeger se refere ao trecho 571a-d do livro IX do diálogo *A República*, em que Platão faz uma análise da alma do tirano. Para compreender as tendências infratoras e imorais da alma humana, Platão atribui a esta uma parte irracional, que se manifesta nos sonhos em forma de desejos indomados.

(...) Presta atenção ao que sobre isso desejas saber. É o seguinte: entre os apetites e prazeres desnecessários, alguns me parecem ilícitos. De fato, nascem com o homem; mas, reprimidos pelas leis e pelos desejos mais altos, em algumas pessoas, com a ajuda da razão, podem extinguir-se de todo ou ficar reduzidos a raros e tênues vestígios do que eram, enquanto noutras se tornam mais fortes e frequentes.

A que desejos te referes? Perguntou.

Aos que despertam no sono, lhe falei, quando repousa a parte racional e dócil da alma, feita para dominar a outra, bestial e selvagem, e que, saturada de

alimentos e bebidas, levanta-se de súbito, sacode longe o sono e procura satisfazer seus apetites. Como sabes, nesse estado ela é capaz de tudo, por se ter desvincilhado inteiramente do pudor e da razão. Não hesitará nem mesmo ao pensamento de unir-se à própria mãe ou ao que for: homens, deuses, animais, como não se corre de manchar-se de nenhum modo, nem se julga obrigada a abster-se de nenhum alimento. Numa palavra: não há loucura nem imoralidade que não esteja disposta a praticar (*A República*, 571a-d).

Platão menciona os desejos ilícitos reprimidos pela lei, com a ajuda da razão, que se tornam, assim, reduzidos a vestígios. Porém, esses desejos reprimidos aparecem nos sonhos de forma irracional, como o desejo de unir-se à mãe. De fato, essa passagem em *A República* descreve o conflito central do complexo de Édipo e o mecanismo de repressão da teoria psicanalítica, uma vez que, Freud entende os sonhos como atos psíquicos, cuja força propulsora, é o desejo que busca realizar-se (conteúdo latente). Mas o fato de não serem reconhecidos como desejos se deve a uma censura psíquica¹ que condensa esse material, sua consideração e sua representabilidade em imagens. A necessidade de fugir a essa censura demanda que a estrutura do sonho, possua uma fachada racional e inteligível (conteúdo manifesto) (FREUD, 1996, v. 5, p. 564).

“*Recalcamento*² – relaxamento da censura – formação de compromisso: tal é o modelo básico da gênese de sonhos e de muitas outras estruturas psicopatológicas”, afirma Freud. Portanto, o sonho, bem como o sintoma, são realizações disfarçadas de desejos recalçados no inconsciente. O acervo central do inconsciente é constituído por pulsões infantis de caráter sexual. O mais importante acontecimento da vida sexual da criança é o processo de recalque do *Complexo de Édipo*³. É o primeiro acontecimento

¹ Censura é uma força psíquica que se situa na fronteira entre os sistemas do inconsciente e da consciência. Tudo o que está na consciência ou pode integrá-la é rigorosamente censurado. Sua função é restringir os desejos provenientes do inconsciente de acessarem o pré-consciente e a consciência, como forma de defesa do *ego*. Somente a formação psíquica que suporta uma prova dupla, do ponto de vista do *princípio do prazer* e do *princípio de realidade* (ver nota 4), que se legaliza, ganha plenitude de direitos e integra o sistema superior psíquico – a consciência. Ou apenas ganha a possibilidade de integrá-la, isto é, de tornar-se pré-consciente. As mesmas experiências emocionais que não suportam uma prova se tornam ilegais e são recalçadas para o sistema do inconsciente. É uma estrutura permanente, seletiva, que está na base dos conflitos psíquicos (BAKHTIN, 2004, p. 33).

² O *recalque* é todo acervo de representações, sentimentos e desejos censurados e deslocados para o inconsciente. Esse conteúdo nunca se extingue, nem perde a força, mas funciona ao longo de toda a vida do homem, realiza-se mecanicamente, sem qualquer participação da consciência. Esta não registra o recalcado e pode inclusive não suspeitar absolutamente da sua existência ou composição. Só é possível erradicar o recalque através da consciência e dos atos e das ações por ela orientados, antes de tudo através do discurso humano (BAKHTIN, 2004, p. 33).

³ O *Complexo de Édipo* designa nos termos do erotismo infantil, a sexualização das relações da criança com a mãe. Otto Rank, célebre discípulo de Freud, considera que a permanência do feto no ventre da mãe tem caráter libidinoso, e o primeiro rompimento da unidade com ela se dá no nascimento. A partir daí, todo o cuidado da mãe tem colorido sexual para a criança, que tem em todo o corpo zonas erógenas satisfeitas. Dessa forma, a criança é organicamente atraída para o incesto, que produz os respectivos desejos, sentimentos e representações. O pai, ao interferir nessa relação, impede a posse absoluta da mãe por parte da criança. Daí surge o desejo infantil de morte do pai, porque o *princípio do prazer* que domina o psiquismo da criança vai rivalizar com o *princípio de realidade*. Os vetos da presença do pai vão sendo reelaborados como a voz da própria consciência, que trava uma luta árdua com as pulsões incestuosas e as desloca para o inconsciente. A censura faz um papel tão magnífico que todo o complexo é

pré-histórico da vida do homem, ao qual Freud atribui importância central e decisiva na Psicanálise (FREUD, 1996, v. 5, p. 690, 692; BAKHTIN, 2004, p. 38).

Além dessa correspondência apontada por Jaeger, entre Platão e as concepções centrais adotadas pela Psicanálise, há também uma correlação entre o mapa do psiquismo platônico e psicanalítico. A estrutura da alma representada no *Fedro*, como o mito da paelha alada e no livro IV de *A República*, seria uma analogia exequível à estrutura psíquica projetada pela Psicanálise freudiana, berço de Jung. Recordando o exposto no capítulo anterior desta dissertação, Platão, ao descrever como se dão os processos íntimos da alma no *Fedro*, a coteja como uma junta composta por um cavalo virtuoso e um vicioso, ambos dirigidos por um cocheiro, ilustrando a *psykhé* enquanto um elemento racional, que comanda tendências antagônicas.

Em *A República*, são revelados três aspectos da alma: o apetitivo (*epithymetikón*), o impulsivo (*thymoeidés*) e o racional (*logistikón*), como descrito a seguir:

Logo, não será fora de propósito, observei, admitir que se trata de dois princípios diferentes; um deles, com o qual o homem raciocina, poderá ser denominado o princípio racional da alma; o outro, com o que ele ama e tem fome ou sede, e é arrastado por todas as paixões, receberá o qualificativo de irracional e concupiscente, amigo dos mais variados prazeres e satisfações. (...) Nesse caso, ocorrerá também na alma um terceiro elemento, o colérico, auxiliar natural da razão, na hipótese, bem entendido, de não ter sido esta corrompida por uma educação viciosa? (*A República*, IV 439d – 441a).

Também Freud, ao postular a segunda tópica sobre as bases do funcionamento psíquico, estabelece três sistemas constituintes desse aparelho, que são: o *id*, o *ego* e o *superego*. O *id* corresponde a instintos primitivos que movimentam duas forças básicas: *eros* e o instinto de morte. Esse sistema obedece ao rigoroso *princípio do prazer*⁴, não estando sujeito às continências da lógica. Se os seus apetites são satisfeitos de maneira compulsória, isso resultaria em conflitos perigosos com o mundo externo e até mesmo em extinção (FREUD, 2005, p. 226, 227).

coberto por uma amnésia total, e as pulsões recalçadas tornam-se medo e vergonha pela própria ideia de atração sexual pela mãe (BAKHTIN, 2004, p. 38, 39).

⁴ O *princípio do prazer* é a incorporação da capacidade de satisfação aleatória dos desejos, evitando o desconforto e a dor. Seu oponente é o *princípio de realidade*, que caracteriza-se pelo adiamento da gratificação. Faz parte do amadurecimento psíquico suportar a dor e o adiamento. Mas a primeira fase de desenvolvimento do psiquismo humano é dirigida exclusivamente pelo *princípio do prazer*. Nessa fase, não há na psique infantil distinção entre real e irreal, moralidade e imoralidade etc. Por isso, tudo é permitido, e o uso amplo desse privilégio acumula uma enorme reserva de desejos, sentimentos e imagens criminosas e viciosas. Nas etapas subsequentes, todos esses conteúdos levariam pavor à consciência. Com o desenvolvimento psíquico, o *princípio de prazer* perde seu domínio exclusivo, para dar espaço ao *princípio de realidade*. No entanto, o homem conserva no sonho essa satisfação alucinatória, durante toda a vida (BAKHTIN, 2004, p. 32, 33).

Já a função psicológica do *ego* é intermediar a exigência feita pelo instinto e a ação que o satisfaz. Essa ação é orientada pela atividade do pensamento, elevando-o para um nível dinâmico mais alto. Sua operação se dá no presente, mas recorre com frequência às ações experimentais passadas, que lhe indiquem um cálculo das consequências de cada proposta (FREUD, 2005, p. 228).

Enquanto isso, um novo agente psíquico surge, à medida que as funções judiciárias da consciência vão se formando, até que parte do mundo externo se interioriza. Este é denominado *superego*. Ele convoca o *ego* a prestar contas de suas ações e até mesmo de pensamentos e intenções não executados (FREUD, 2005, p. 228).

Traçando genericamente essa correspondência entre as partes da alma no *Fedro*, na *República* e o aparelho psíquico freudiano, teríamos respectivamente: a) cavalo turbulento, *epithymetikhón* e *id*; b) cocheiro, *logistikón* e *ego*; c) cavalo dócil, *thymoeidés* e *superego*. Nos três casos, a unicidade da alma deriva de uma relação ordenada entre suas tendências ou instâncias discordantes. À topografia freudiana do psiquismo é preciso acoplar a sua primeira tópica, formada pelo consciente, pelo pré-consciente e pelo inconsciente. No sentido descritivo, o inconsciente seria de dois tipos: um que é latente, mas capaz de tornar-se consciente, e outro que é reprimido e não em si, capaz de tornar-se consciente. No entanto, no sentido dinâmico, o inconsciente é apenas um só.

Esta compreensão interna (insight) da dinâmica psíquica não pode deixar de afetar a terminologia e a descrição. Ao latente, que é inconsciente apenas descritivamente, não no sentido dinâmico, chamamos de pré-consciente; restringimos o termo inconsciente ao reprimido dinamicamente inconsciente, de maneira que temos agora três termos, consciente, pré-consciente e inconsciente, cujo sentido não é mais puramente descritivo (FREUD, 1996, v. 19, p. 28, 29).

Não há dúvidas de que Freud esteve em contato com as obras de Platão⁵, como pode ser comprovado em sua obra *Além do Princípio de Prazer*, de 1920, quando ao tratar da origem da sexualidade, diz:

O que tenho no espírito é, naturalmente, a teoria que Platão colocou na boca de Aristófanes no *Symposium* e que trata não apenas da origem do instinto sexual, mas também da mais importante de suas variações em relação ao objeto. 'A natureza humana original não era semelhante à atual, mas diferente. Em primeiro lugar, os sexos eram originalmente em número de três, e não dois, como são agora; havia o homem, a mulher, e a união dos dois (...)' Tudo nesses homens primevos era duplo: tinham quatro mãos e quatro pés, dois rostos, duas partes pudendas, e assim por diante. Finalmente Zeus decidiu cortá-los em dois, 'como uma sorva que é dividida em duas metades

⁵ Freud já havia feito referência ao mito platônico em sua obra *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de 1905 (FREUD, Sigmund. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.7. p. 136).

para fazer conserva'. Depois de feita a divisão, as duas partes do homem, cada uma desejando sua outra metade, reuniram-se e lançaram os braços uma em torno da outra, ansiosas por fundir-se⁶ (FREUD, 1996, v.18 p. 68).

A menção de Freud ao texto platônico refere-se ao quarto elogio de *O Banquete*, proferido pelo poeta cômico Aristófanes. Nele, os humanos não conseguiram, de modo algum, perceber o poder do amor (*banq.* 189 c). Com o *mito do andrógino*⁷, ele pressupõe uma integridade humana original, que foi perdida como castigo dos deuses à cobiça humana. O anseio e a busca por essa integridade é o que se denomina “amor” (*banq.* 192e-193a). Surge, assim, a ideia da reconciliação humana com a sua parte perdida. Ontologicamente dividida, a natureza humana, que abarca toda forma de afeto e orientação sexual, busca sua cura no poder restaurador do amor.

O sentido da imagem de Aristófanes para Jaeger (1989, p. 504) é de que o amor enquadra-se plenamente dentro do processo de formação da personalidade, uma vez que, o anseio metafísico do homem por uma totalidade de ser é focalizado à luz do processo de aperfeiçoamento do próprio *eu*. Esse anseio faz dele um ser fragmentado, cuja perfeição só é atingível na relação com um *tu*. Reale e Nachmansohn também veem a essência do amor como inerente à manutenção da vida, além de participante dos processos psíquicos. Afinal, Aristófanes deixa claro que a incapacidade de amar é contrária à vida. Pois, mesmo já cindidos, se os humanos persistem na imoderação, podem ser cindidos novamente em metade da metade, o que produziria figuras semelhantes a estelas funerárias (*banq.* 193a).

Em Freud, a libido também é sinônima de pulsão de vida, ao mesmo tempo que um elemento constituinte da estrutura psíquica. Portanto, além da conformidade entre os desejos ilícitos manifestos nos sonhos e as estruturas da *psykhé* referidas acima, para Reale, o *eros* platônico e a libido freudiana também podem ser encarados como

⁶ A este trecho o autor acrescenta, em 1921, uma nota de rodapé agradecendo ao Professor Heinrich Goperz de Viena pelo estudo da origem do mito platônico. Diz ainda que, nesses estudos, o qual ele usou parcialmente, é de se notar que tal mito já pode ser encontrado nos Upanishads (datados em 800 a.C., aproximadamente), em que a origem do mundo a partir do Atman (o *eu*, ou *ego*) é descrito como um *eu* transformado em dois, esposo e esposa, para que não fique solitário. O autor diz hesitar em negar alguma possibilidade de que Platão tenha sido influenciado pela fonte indiana, ainda que indiretamente, inclusive no caso da doutrina da transmigração da alma. E observa também que, se uma derivação (através dos pitagóricos) fosse estipulada, ela só seria considerada por Platão se este encontrasse nela algum elemento de verdade que o tivesse impressionado (FREUD, 1996, v.18, p. 68).

⁷ No *mito do andrógino* foram três os gêneros de humanidade no início: o masculino, o feminino e o andrógino. Esses homens possuíam forma esférica bifásica, em que o primeiro gênero formava duas partes masculinas, o segundo duas partes femininas e o terceiro era constituído por um lado feminino e outro masculino. Tinham, portanto, dois rostos, quatro membros superiores e inferiores, dois sexos, opostos um ao outro, como os lados de uma moeda. Esses seres duplos tinham grande mobilidade e, tomados por forte presunção, voltaram-se contra os deuses. O castigo de Zeus foi separá-los verso e reverso e os dispersou, deixando uma sensação de incompletude. Os que eram um todo masculino se tornaram dois homens que se procuram; o todo feminino, se tornaram duas mulheres que se querem; e os antigos andróginos são agora os homens e mulheres que procuram sua metade (*Banquete* 189c-193e).

coincidentes, ainda que somente em traços gerais (REALE, 2002, p. 231 *apud* NACHMANSOHN, 1915)⁸.

Isso porque Platão concebe *eros* como amor ao *bem*, como impulso para a realização essencial da natureza humana e impulso cultural em sentido profundo. O amor atua desde a unidade fundamental de expressão da vida física até a divinização infinita da alma. Mantém viva a natureza que ainda vegeta ou dormita no instinto (*banq.*186a). Quando do instinto desponta a sensação, então a predisposição erótica inflamará o desejo dos animais por acasalamento e provimento das crias (*banq.* 207b).

Quando da sensação evolve o sentimento, os humanos apaixonam-se pelo belo e sua geração se dará tanto no corpo quanto na alma. A geração no corpo fará perpetuar a espécie física e a geração na alma fará produzir grandes obras que regem a vida comunitária (*banq.* 206e). O intelecto, que se desenvolve na busca de sabedoria, alia-se ao ponto alto do sentimento para, então, comungar a perfeita virtude (*banq.* 210d).

Freud, por sua vez, define a libido tomando por base os mais amplos significados da palavra “amor”. Que corresponderia às energias instintuais de magnitude quantitativa, porém, não mensurável. Esse amor engloba o amor próprio, parental, filial, poético, fraternidade entre amigos ou pela humanidade no geral, bem como uma devoção a objetos concretos e ideias abstratas. E, abarca, sobretudo, o amor sexual que objetiva a união sexual (FREUD, 1996, v.18, p. 101).

Segundo Freud, sua pesquisa psicanalítica evidenciou que todas as tendências têm raízes nos mesmos impulsos instintuais das relações entre os sexos. Elas direcionam seu movimento para a união sexual, embora sejam frequentemente desviadas desse objetivo, por algum impedimento. Mas conservam ainda sua identidade reconhecível, bastando, para isso, analisar o fundo melhor que a superfície. Por esse motivo, a Psicanálise chama esses impulsos amorosos de “instintos sexuais” (FREUD, 1996, v.18, p. 101).

Conclusão

Vale ressaltar que, à época de Freud, transição para o século XX, a sociedade científica pesou sobre ele a imensurável rocha de tabus sexuais. Rocha essa formada por

⁸ Reale cita um ensaio na revista “Internationale Zeitschrift für ärztliche Psychoanalyse. Offizielles Organ der Internationalen Psychoanalytischen Vereinigung”, herausgegeben von Prof. Dr. S. Freud; publicado por Nachmansohn em 1915, no órgão oficial da sociedade psicanalítica internacional, fundado e editado pelo próprio Freud.

todos os séculos de repressões religiosas, mais maciçamente em toda a Idade Média. Comenta Reale (2002, p. 231) que o pensador grego já estendia o *eros* à criança e tinha no amor de pais e filhos o mesmo agente que atua entre as pessoas de diferentes sexos. E que, assim como é absurdo afirmar que Platão sexualiza o homem, que em sua teologia mais refinada comporta a presença de *eros*, é igualmente absurdo pesar sobre Freud tamanha reprovação.

Tanto é verdade que, na sequência de seu texto em que define a libido, Freud traz, mais uma vez, Platão e outros autores sacros como precursores desse pensamento que não seria nada exclusivo:

Por chegar a essa decisão, a Psicanálise desencadeou uma tormenta de indignação, como se fosse culpada de um ato de ultrajante inovação. Contudo, não fez nada de original em tomar o amor nesse sentido ‘mais amplo’. Em sua origem, função e relação com o amor sexual, o ‘Eros’ do filósofo Platão coincide exatamente com a força amorosa, a libido da Psicanálise, tal como foi pormenorizadamente demonstrado por Nachmansohn (1915) e Pfister (1921), e, quando o apóstolo Paulo, em sua famosa Epístola aos Coríntios, louva o amor sobre tudo o mais, certamente o entende no mesmo sentido ‘mais amplo’.⁹ Mas isso apenas demonstra que os homens nem sempre levam a sério seus grandes pensadores, mesmo quando mais professam admirá-los. A Psicanálise, portanto, dá a esses instintos amorosos o nome de instintos sexuais, *a potiori** e em razão de sua origem. A maioria das pessoas ‘instruídas’ encarou essa nomenclatura como um insulto e fez sua vingança retribuindo à Psicanálise a pecha de ‘pansexualismo’. Qualquer pessoa que considere o sexo como algo mortificante e humilhante para a natureza humana está livre para empregar as expressões mais polidas ‘Eros’ e ‘erótico’. Eu poderia ter procedido assim desde o começo e me teria poupado muita oposição. Mas não quis fazê-lo, porque me apraz evitar fazer concessões à pusilanimidade. Nunca se pode dizer até onde esse caminho nos levará; cede-se primeiro em palavras e depois, pouco a pouco, em substância também. Não posso ver mérito nenhum em se ter vergonha do sexo (FREUD, 1996, v.18, p. 102).

Sua firmeza no mundo científico, condizente com a de seu caráter, talvez não tenha aliviado seu fardo enquanto vivera, mas, graças às ranhuras de Freud, essa rocha de tabus passou a pesar menos sobre a humanidade. Sobre as reações dos cientistas da época, aos trabalhos freudianos, Jung achou necessário comentar.

Ele se refere à falta de interesse do meio científico como um “espetáculo” que ele presenciou e os critica usando uma frase de Anatole France: “*Les savants ne sont pas curieux*”, cuja tradução é “os cientistas não são curiosos”. Em sua opinião, apesar do primeiro trabalho de Freud ter introduzido uma interpretação totalmente nova sobre as neuroses, não chegou a provocar nem mesmo um eco distante naquele meio intelectual.

⁹ Nota inserida por Freud sobre a Epístola de Paulo: ‘Ainda que eu falasse a língua dos homens e dos anjos, e não tivesse caridade [amor], seria como o metal que soa ou como o sino que tine.’

*Nota do tradutor brasileiro James Strachey: A versão inglesa assim apresenta a locução, mas julgamos que deva tratar-se da locução adverbial latina *a fortiori*, ou seja, ‘com tanto mais razão’.

Lembra ainda, que alguns autores faziam menções elogiosas, mas mal viravam a página e já tratavam o assunto da histeria dentro dos velhos paradigmas (JUNG, 1978, p.2).

Sobre as publicações posteriores de Freud, Jung aponta que, apesar de conter achados de suma importância para a área psiquiátrica, eles foram pouco percebidos. Essa situação se agravou em 1900, quando Freud apresentou o que Jung considerou “a verdadeira psicologia dos sonhos”. Antes de Freud, ele destaca, trevas absolutas pairavam sobre esse tema e, quando foi apresentado, ridicularizaram-no (JUNG, 1978, p.2).

Mas o ponto realmente crítico foi em 1905, quando ele apresentou as primeiras teorias sobre a psicologia da sexualidade. Além de zombarias, apareceu uma tempestade de protestos eruditos que, por fim, acabou sendo a maior publicidade alcançada pela psicologia de Freud. Essa notoriedade sem precedentes superou de longe os limites do interesse científico. Mas foi exatamente por isso, que Jung se dispôs a analisá-la mais de perto (JUNG, 1978, p.2).

Embora Freud aproxime sobremaneira sua libido ao *eros* de Platão, Reale faz importante advertência no sentido de evidenciar os diferentes planos em que estão situados os conceitos de cada autor:

Escolhemos as conclusões desse autor [Freud] não só porque seu ensaio se impôs como um texto de referência, mas também porque é um dos mais equilibrados. Todavia, justamente por esse equilíbrio, ele pode facilmente induzir a erro, e levar a confundir as *analogias* entre os dois autores com *identidade* de visões, visto que na realidade Platão e Freud procedem em *planos completamente diferentes* (REALE, 2002, p. 232).

Não se pode despossuir o texto platônico de seu lugar natural, transferindo-o para outro plano, a fim de submetê-lo à análise. Tam pouco se pode interpretá-lo usando um sistema de referência conceitual e linguístico que seja estranho ao seu escopo. Isso se enquadraria em um processo de “alienação hermenêutica” que resultaria em inevitáveis deformações teóricas de amplo alcance, uma vez que, enquanto Freud é eminentemente naturalista, rumo para o qual está direcionada a libido e sua noção de bem, Platão os tem em altíssimos cumes metafísicos (REALE, 2002, p 233).

Apesar da rigidez e da incredulidade do domínio científico, Freud se auto-incumbiu de levar a Psicanálise ao escopo de ciência. E parecia estar disposto a suprimir qualquer aspecto teórico que a afastasse desse intento. Como diz Ricoeur (1977, p. 215), a Psicanálise podia credenciar-se como ciência graças a essa “quase física” do aparelho psíquico. Em contrapartida, o filósofo grego situa a experiência humana em dois planos simultâneos: o sensível e o inteligível. Para ele, a sexualidade não esgota o sentido do

desejo. Há ainda a dimensão metafísica do desejo, que está indissociada de sua ética. É a partir disso, que Platão irá distinguir um desejo pré-erótico do propriamente erótico.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *O Freudismo*. São Paulo: Perspectiva S. A., 2004.

FREUD, Sigmund. *A Interpretação dos Sonhos* (Parte II). Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. 5. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *Um Caso de Histeria. Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade e Outros Trabalhos*. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *Além do Princípio de Prazer. Psicologia de Grupo e Outros Trabalhos*. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *O Ego e o Id e Outros Trabalhos*. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *Cinco Lições de Psicanálise. A História do Movimento Psicanalítico. Esboço de Psicanálise*. Os pensadores. São Paulo: Nova Cultura, 2005.

JAEGER, W. W. *Paidéia: a formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

JUNG, C.G. *Estudos Sobre Psicologia Analítica. Psicologia do Inconsciente. O Eu e o Inconsciente*. Obras Completas de C. G. Jung. v. 7. Petrópolis: Vozes, 1978.

PLATÃO. *O Banquete, Fédon, Sofista, Político*. v. 3. Os Pensadores. Globo S.A., 1972.

PLATÃO. *A República* (ou: sobre a Justiça. Gênero Político). Tradução Carlos Alberto Nunes. Belém: Universitária UFPA, 2000.

REALE, G. *Corpo, alma e saúde: o conceito de homem de Homero a Platão*. São Paulo: Paulus, 2002.

RICOEUR, Paul. *Da Interpretação: Ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

Data de registro: 13/09/2018

Data de aceite: 02/05/2019